



## CONSTRUÇÃO DE UMA PARCERIA EDUCACIONAL ENTRE ALUNOS E PROFESSORES

Beatriz Araújo Silva<sup>1</sup>; Kerolayne Soares dos Santos<sup>1</sup>; Renato Okamoto Pereira<sup>1</sup>; Roger  
Marcelo Martins Gomes<sup>2</sup>; Flávia Cristina Bandeca Biazetto<sup>2</sup>; Wesley Rosehnal Jorge<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Discentes do Curso de Letras do Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO.

<sup>2</sup>Docentes do Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO. Coordenadores do Subprojeto História e  
Letras (Português/Inglês) do PIBID

<sup>3</sup>Professor Supervisor do PIBID da Escola Estadual “Dr. Luiz Zuiani”, Bauru/SP

### RESUMO

O presente estudo/relato é de natureza qualitativa, constituído como pesquisa de caráter descritivo. O mesmo teve como objetivo evidenciar o processo de construção da relação entre graduando e aluno no projeto PIBID, destacando os sucessos, falhas e observações que os participantes do Programa observaram ao longo do período de seis meses com a turma; além disso, o estudo busca servir também como fonte de estudo para que os próprios graduandos possam melhorar sua performance enquanto educadores e participantes do PIBID, através da avaliação de seus próprios erros e acertos durante as atividades. Como estudantes do curso de Letras do primeiro semestre, foi por meio do PIBID que tivemos nosso primeiro contato com o ato de lecionar. Sendo assim, ainda não tínhamos conhecimento prévio sobre como a relação professor-aluno era desenvolvida, logo, não sabíamos que essa relação se trata, na verdade, de uma parceria que exige grande comprometimento de ambas as partes envolvidas. Ao solicitar aos alunos, pela primeira vez, que eles terminassem a atividade em casa e nos entregassem em nosso próximo encontro, nos decepcionamos quando não recebemos nenhuma devolutiva e começamos a nos questionar: *Como fazer com que eles façam as atividades solicitadas?* A ideia, portanto, assimilada pelo grupo de graduandos é que o processo de ensino-aprendizagem deve, principalmente em um ambiente em um primeiro momento não-colaborativo, ser baseado em uma relação de via dupla entre Educador e Educando, prezando sempre pela transparência e franqueza as quais os professores podem utilizar para gerar uma resposta positiva de interesse por parte dos alunos na realização da atividade.

Palavras-chave: PIBID, Comprometimento, Ensino-Aprendizagem.

### RELATO

Atualmente, um dos temas mais discutidos nos âmbitos das graduações de licenciaturas, é a relação entre professor e aluno dentro de sala de aula, e o quanto ela é maleável, variável e imprevisível. Nós, graduandos do curso de Letras no segundo semestre,



podemos afirmar que essa é uma das maiores incertezas e inseguranças que são geradas em nós durante a realização do curso. Torna-se comum questionamentos como: “Minha sala irá me respeitar?”; “Como devo me portar diante dos meus alunos?”; “Qual deve ser meu “jogo de cintura” para lidar com as adversidades dentro do ambiente escolar?”; e, naturalmente, essas perguntas não são respondidas meramente com o estudo, participação e vivência dentro da universidade. Por mais que exista, sim, uma tentativa de associação daquilo que é aprendido nos cursos de licenciatura na teoria com a prática dentro de uma sala de aula na “vida real”, a distinção entre as duas se torna cada vez mais latente, ao passo que professores inexperientes continuam entrando no mercado de trabalho e se surpreendendo com a situação em que se encontram, sentimento que decorre da falta de experiência prática dele dentro de sua área. Nessa condição, pensando em uma melhor preparação para os futuros docentes e profissionais da educação, surge o PIBID, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

O Programa, que visa, como o próprio nome diz, iniciar o estudante de licenciatura na vida docente, preparando-o para as situações adversas que encontrará dentro de sala de aula, se torna o bastião de muitos estudantes no primeiro contato com o mundo da educação, como foi o caso dos graduandos desse relatório. O PIBID, para nós, serviu como ponte para um primeiro contato com a sala de aula tradicional, fora da teoria e da especulação dos estudos universitários, ou seja, nos proporcionou a primeira experiência como “docentes”, a qual nos ajudou a superar em grande parte as inseguranças naturais mencionadas anteriormente.

Além disso, porém, essa ponte também serviu de estopim para o surgimento de diversos questionamentos a respeito da imagem, postura e abordagem do professor dentro de sala de aula. O objetivo desse relato, portanto, é expor um desses questionamentos, baseados inteiramente em uma experiência prática do cotidiano escolar que os graduandos passaram durante o primeiro semestre no Programa de Iniciação, e, através dele, chegar a uma reflexão sobre o papel do educador dentro de sala de aula como mediador, mestre e líder de seu grupo.

Durante uma das atividades propostas, os graduandos pediram à sala de aula que trouxessem, na próxima semana, a atividade que naquela aula não tinha conseguido ser efetuada de forma plena. Esse acontecimento se constitui como um dos primeiros desafios enfrentados pelo grupo dentro da realidade escolar: a frustração de um planejamento que não deu certo. Mesmo tendo a atividade prática planejada, surgiram barreiras durante sua realização as quais não permitiram a plena realização dela dentro do tempo previsto, sendo necessária, assim, uma requisição aos alunos que trouxessem a atividade em outro momento, na semana seguinte. Após uma semana, ao serem questionados sobre a atividade pendente, poucos alunos, cerca de 2 ou 3 da classe de mais de 30 discentes, alegaram terem consigo a atividade completa. Se configurou aí o segundo desafio: a rejeição dos alunos para com a atividade proposta.

Buscando entender o motivo dessa rejeição, os pibidianos procuraram conversar com os alunos sobre a importância da atividade para realização do projeto, evidenciando que o aprendizado só seria conquistado a partir do bom andamento do planejamento e, isso, por sua vez, seria conquistado através da realização das atividades. A partir disso, mais do que apenas entrar em concordância a respeito da realização das atividades, os graduandos entenderam e refletiram a respeito de um ponto: o professor/docente só consegue se conectar com a sala de aula, gradualmente, ao passo que dá significado para aquilo que ela está aprendendo, realizando e produzindo efetivamente. Se o docente apenas entende que aquilo que ele deve fazer para se chegar ao aprendizado pleno deve apenas ultrapassar a barreira do “entendimento” e não da “significação”, ele está perdendo, ao que julgamos, parte



importantíssima do processo de ensino-aprendizagem, que é a conexão educador-conteúdo-educando. Nesse sentido, o educador deve assumir papel de mediador, ao passo que, para dar valor àquilo que se aprende, devemos entender que o valor do aprendizado não é o mesmo para todos os alunos. Existem indivíduos que darão valor extremo àquilo que aprendem em ambiente escolar, independente do que é ensinado, e existem aqueles que pouco se importarão com o que será dito dentro de sala de aula. Com ou sem justificativa para qualquer uma das posições, uma coisa é fato: a aprendizagem tem valores diferentes para diferentes seres sociais, os quais determinaram esse valor através da sua história, ética e visão pessoal do que estão determinados a aprender. Cabe, nesse caso, ao professor-mediador administrar a pluralidade de valores contidos dentro de sala de aula, tendo em vista, obviamente, o alcance efetivo de suas ações, de modo a aproveitar ao máximo o que cada aluno pode fazer e aprender nesse processo.

Da mesma forma, o professor deve assumir papel de mestre ao ministrar seus conhecimentos da forma correta, ética e completa, para todos, independente das condições que o indivíduo se encontre. Cabe aqui refletir sobre a possibilidade da “falta de interesse” ou da “rejeição” de uma atividade se dar por conta da abordagem adotada por ela. Em outras palavras, torna-se necessário entender, por exemplo, se a rejeição que enfrentamos com os alunos se deu por conta da pura falta de interesse ou da forma como aplicamos nosso planejamento. Por último, o professor-líder deve entender, também, que independentemente das particularidades, valores e ambições de cada aluno, o ambiente escolar é ele mesmo significado pelo processo de aprendizado, portanto, isso configura a sala de aula e os alunos como um todo também. O docente, na figura de líder, deve literalmente liderar o seu grupo ao aprendizado mais próximo do pleno, através das vias que interpretar como melhores, mas sempre priorizando o aprendizado como seu objetivo final dentro de todos os processos.

Como conclusão, os graduandos entenderam, através da sua primeira experiência dentro de sala de aula, a qual trouxe consigo desafios e reflexões, que a relação docente-discente, professor-aluno, é, na realidade, uma relação de parceria e grande comprometimento, visto que o processo de ensino-aprendizagem é definido como uma via de mão dupla, de duplo interesse, a qual funciona baseada em franqueza, transparência, comprometimento e senso de comunidade com a sala de aula.

## **REFERÊNCIA**

**TARDIF, M. Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente.** In: \_\_. Saberes docentes e formação profissional. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 31 - 54.

## **AGRADECIMENTOS**

O grupo de graduandos agradece o Centro Universitário Sagrado Coração e o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, assim como os supervisores do projeto, pela oportunidade e pela confiança em exercitar, de forma plena, um início daquilo que será a futura profissão docente. Agradecemos também à E.E. Dr. Luiz Zuiani pela disponibilidade e pelo oferecimento de recursos para realização das atividades.